

AS QUESTÕES ORIGINAIS E A CRISE EXISTENCIAL DO HOMEM MODERNO: UM DIÁLOGO ENTRE BÍBLIA E LITERATURA

Adenilton Tavares de Aguiar¹,
SALT/IAENE-BA

Resumo

Uma vez que, assim como a literatura, a Bíblia também apresenta as grandes questões: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”, este artigo tem por objetivo mostrar como essas questões existenciais são abordadas no romance **Orlando**, de Virginia Woolf, contemplando o comportamento da personagem homônima ao título, e a maneira como este comportamento sofre mudanças de acordo com a passagem do tempo – tendo em vista que Orlando é um rapaz de dezesseis anos, quando nos é apresentado, e de trinta e seis anos quando nos despedimos dele. Embora esses vinte anos de biografia, como diria Bloom, abranjam mais de três séculos de história literária – e contrapondo-o às respostas oferecidas pela tradição judaico-cristã, conforme encontradas na Bíblia.

Palavras-chave: Orlando, de Virgínia Woolf. Tradição Judaico-cristã. Livro do Gênesis. O sentido da vida.

1 INTRODUÇÃO

O romance **Orlando**, de Virginia Woolf, apresenta os conflitos existenciais do personagem homônimo ao título. Bloom (1995, p. 422) o caracterizaria como “[...] um homem, ou melhor, um rapaz, que de repente vira mulher. E também um aristocrata que, sem maiores explicações do que sobre sua transformação sexual, é pragmaticamente imortal”. A obra confirma a proposição de Bloom, ao dizer que “Orlando transformara-se em mulher – não há que negar. [...] Orlando foi homem até os trinta anos; nessa ocasião, tornou-se mulher, e assim ficou daí por diante” (WOOLF, 1978, p. 77).

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica do Pernambuco - UNICAP. Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE-BA e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações (UNICAP); Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia - SALT, sede regional do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE (SALT/IAENE-BA). Editor da Revista Hermenêutica. E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

Para Studart (2001, p. 21), a relação entre o homem e a mulher é, tradicionalmente, uma relação de força. Ele chega a afirmar que, nessa perspectiva, “só existe uma pessoa sobre quem a mulher – pobre ou rica – exerce autoridade: aqueles que são mais fracos do que ela. No caso, os filhos”. Nesse sentido, a identidade da mulher está sempre ligada à identidade de outro. Laing (*apud* MONTEIRO, 1990, destaque do autor), por sua vez, diz que “[...] a identidade **própria** de cada pessoa depende de sua identidade para com os outros, da identidade que ela acredita passar aos outros e também da identidade que ela julga que os outros lhe atribuem. A identidade exige sempre uma comparação”. No ensaio intitulado **Gender Diary**, Snitow (*apud* SADLIER, 1994, p. 44) descreve o conflito em termos de duas propostas igualmente válidas: por um lado, “a necessidade de construir a identidade ‘mulher’ e dar-lhe um sólido significado político;” e por outro lado, “a necessidade de destruir a própria categoria ‘mulher’ e dismantelar sua história sólida demais”.

Studart (2001, p. 44) comenta que “as mulheres estão se movimentando em todo o mundo, mas nem todas. Entre elas existem muitas cúmplices da inferioridade do sexo, dispostas a defender um estado de menoridade permanente”. Dessa forma, muitas mulheres se escondem atrás da ideia do “sexo frágil” – o que funciona como uma espécie de mascaramento, e garante a elas condições para sobrevivência, uma vez que, sendo o “sexo frágil”, recai sobre o homem o “sexo forte” – pelo menos em tese, a responsabilidade de suprir as suas necessidades, tanto em nível material quanto emocional.

Essa visão, contudo, sofre uma expressiva mudança com o advento da modernidade; tal mudança é facilmente observável na obra **Orlando**, uma vez que temos nela um quadro bastante diferente desse anterior. Orlando é um homem que, buscando confirmar sua identidade, deixa fluir o seu lado feminino, a ponto de transformar-se numa mulher, de fato. Tal transformação se apresenta no romance como uma metáfora para a busca das respostas das grandes questões existenciais: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”, as mesmas que se encontram na Bíblia.

2 A CRISE EXISTENCIAL DE ORLANDO

O romance é iniciado com o pronome pessoal masculino “ele”, e explica: “porque não havia dúvida a respeito do seu sexo” (WOOLF, 1978, p. 07). Orlando é homem, e possui algumas características tradicionalmente atribuídas ao sexo masculino: “era um pouco desajeitado” (WOOLF, 1978, p. 09) e desorganizado ao extremo. Certa vez, chegando a casa, “atirou as meias para um lado, o gibão para o outro” (WOOLF, 1978, p. 11). Por outro lado, Orlando demonstra ser um indivíduo bastante inusitado: “[...] gostava naturalmente de lugares solitários, de vastas perspectivas, e de sentir-se para sempre, sempre e sempre sozinho” (WOOLF, 1978, p. 10). Era tímido, leitor assíduo: “Seu gosto pelos livros vinha de longe. [...] Era um fidalgo afligido pelo amor à literatura. [...] Lia frequentemente seis horas, pela noite adentro” (WOOLF, 1978, p. 41-42). Era também um escritor proficiente: já havia escrito, antes dos vinte e cinco anos, “umas quarenta e sete comédias, histórias, romances, poemas, uns em prosa, outros em verso, uns em francês, outros em italiano, todos românticos e todos longos” (WOOLF, 1978, p. 43). Em suma, “Orlando era uma estranha mistura de muitos humores – melancolia, indolência, paixão, amor à solidão, sem falar em todas aquelas contorções e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página” (WOOLF, 1978, p. 41).

Um episódio importante na vida de Orlando é quando, em sua casa de campo, atravessa um período de sete dias dormindo. O narrador nos informa que Orlando só acorda depois de sete dias completos, como se morresse por uma semana e ressuscitasse depois. No romance **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, encontra-se algo semelhante. O personagem Brás Cubas, ao viajar do Brasil para Portugal, comenta que em seis dias Deus fez o mundo, e ele refez o dele. Por sua vez, Orlando se desliga do mundo por seis dias, numa espécie de sono que mais parece uma viagem para dentro de si mesmo. Ao acordar, vê-se diante de um questionamento colocado pelo narrador da seguinte forma: “Qual é a natureza da morte, e qual a natureza da vida?” O próprio narrador vencido declara: “Depois de esperarmos mais de meia hora por uma resposta, e vendo que não vem nenhuma, continuemos com a narrativa” (WOOLF, 1978, p. 39).

Os fragmentos acima revelam um conflito que se trava no interior do personagem, orientando a narrativa do começo ao fim, e que se intensifica à medida que o tempo vai passando. Orlando já é uma mulher quando se sente num certo impasse, ao voltar de um baile que durou a noite inteira: “Amores tinha-os de sobra, mas a vida; que afinal não deixa de ter certa importância, é que se lhe escapava” (WOOLF, 1978, p. 108). Observa-se que o enredo aponta para um Orlando que sente a vida escapar pelos dedos, como alguém que, lançando um olhar sobre sua vida pregressa, questiona se, de fato, valeu a pena todo o sacrifício feito para atingir os alvos que traçou durante sua existência. O que é a vida, se a morte é a única certeza? Ou qual seria a razão de todas as prossecuções humanas? Ou, em última instância, que sentido haveria nelas, se a morte parece ser a única certeza da vida? Em outras palavras, de onde se veio e para onde se vai? Todas essas são indagações importantes. Singer (1990) comenta que elas são o ponto de partida para um indivíduo estabelecer suas crenças em relação ao significado da vida. Acrescenta que “a criança aprende que foi criada através da união íntima do homem e da mulher” (SINGER, 1990, p. 17); portanto, ela sabe que é portadora dos princípios Masculino e Feminino. Em Orlando, mesmo depois de sua transformação sexual, esses princípios são facilmente percebidos, como se pode perceber nos fragmentos abaixo:

Sua forma reunia, ao mesmo tempo, a força do homem e a graça da mulher. [...] Muita gente, à vista disso, e sustentando que a mudança de sexo é contra a natureza, esforçou-se em provar, primeiro: que Orlando sempre tinha sido mulher; segundo: que Orlando é, neste momento, homem. [...] Se Orlando era mulher, como não levava mais de dez minutos a vestir-se? [...] Se Orlando era mais homem ou mulher é coisa difícil de dizer, e não pode ser resolvido agora. (WOOLF, 1978, p. 76, 77, 105).

A narrativa não permite definir o sexo de Orlando. Ademais, as mudanças de Orlando não são tão perceptíveis em nível físico quanto o são em termos de psique. Afinal, “ninguém manifestou a menor suspeita de que Orlando não fosse o Orlando que sempre tinham conhecido” (WOOLF, 1978, p. 94). Ao que parecia, era a mesma pessoa, no entanto, manifestava duplo comportamento:

Parece que não tinha dificuldades em sustentar o **duplo** papel, pois mudava de sexo muito mais frequentemente do que possam imaginar os que só usaram uma espécie de roupas. E não pode haver nenhuma dúvida de que com esse artifício colhia uma **dupla** colheita, que os prazeres da vida aumentavam e sua experiência se

multiplicava. Trocava a honestidade dos calções curtos pela sedução das saias e usufruía por igual o amor de ambos os sexos. (WOOLF, 1978, p. 123, destaque nosso).

Orlando possuía dupla personalidade. Pela manhã, punha-se entre os seus livros, em seguida, passeava pelo jardim, a podar as nogueiras usando calções curtos. Logo depois, trocava-os por um vestido de tafetá floreado. Mais tarde, “vestiria uma roupa cor de rapé como a de um advogado [...] e, finalmente, com o anoitecer, tornava-se mais do que nunca um cavalheiro completo, dos pés à cabeça, e passeava pelas ruas em busca de aventuras” (WOOLF, 1978, p. 123).

Numa dessas aventuras, viu uma jovem prostituta sentada no meio da praça, a qual “fitou-o (porque para ela era um homem). [...] Conduziu Orlando ao quarto que habitava em Gerard Street. Ao senti-la em seu braço, Orlando recobrou os sentimentos próprios de um homem” (WOOLF, 1978, p. 121).

Orlando apresenta um comportamento bastante volúvel, mudando de acordo com as circunstâncias. As pessoas próximas a ele também são afetadas, a exemplo da arquiduquesa Harriet de Finster-Aarhorn. Orlando estava com uma folha de papel que continha um poema seu cujo título era **O Carvalho**, quando percebe uma sombra escurecer a página: era a arquiduquesa, que, parada, pôs-se a olhar para Orlando, que, por sua vez, devolveu o olhar, da janela da sua casa. Em seguida, Orlando a convida para entrar. Enquanto conversam, Orlando vai ao armário pegar um copo de vinho para servir à arquiduquesa; ao retornar, “encontrou em seu lugar um cavalheiro alto, de negro. [...] Estava a sós com um homem” (WOOLF, 1978, p. 99). Assustada, “Orlando sorveu o vinho e o arquiduque ajoelhou-se e beijou-lhe a mão” (WOOLF, 1978, p. 99). Semelhantemente ao caso de Orlando, a arquiduquesa passa por uma transformação sexual. No entanto, notável é a razão que a leva a isso: “vira um retrato de Orlando e dele se enamorara desesperadamente; que, para atingir seus fins, vestira-se de mulher [...]”. (WOOLF, 1978, p. 99). Como se vestira de mulher, se era mulher? Poderá perguntar o leitor. O narrador esclarece que a arquiduquesa era homem e sempre o foi, e vestiu-se de mulher para conquistar o Orlando-homem, mas torna a assumir o seu papel de homem em face do Orlando-mulher. Logo, percebe-se que a mudança de sexo de Orlando interfere na mudança da arquiduquesa. O próprio gênero das palavras é alterado com frequência: afinal, era arquiduque ou arquiduquesa? Ou as duas coisas, em virtude de não haver outra palavra que acumulasse sobre si o peso semântico de ambas? O próprio nome sofre

uma alteração interessante – de arquiduquesa Harriet passa a ser arquiduque Harry, para quem Orlando tinha sido “o primor, a pérola, a perfeição do seu sexo” (WOOLF, 1978, p. 99). No entanto, qual deles? O masculino? O feminino? Ou um terceiro que fosse os dois ao mesmo tempo? A narrativa parece recorrer ao mito do andrógino (SINGER, 1990), a fim de metaforizar a inquietude existencial de Orlando. Para Hendler (1995), o princípio da androginia reúne em sua essência o conceito de Dualidade na Unidade. Parece que essa é a busca de Orlando.

A narrativa vai caminhando para o final, e os sinais do progresso vão surgindo. O romance se abre para uma nova fase:

Com a décima-segunda pancada da meia-noite, a escuridão era completa. Um tumultuoso turbilhão de nuvens cobria a cidade. Tudo era treva; tudo era dúvida; tudo era confusão. Acabara-se o século XVIII; o século XIX começava. [...] Era inútil que Orlando se encerrasse em sua casa de Blackfriars e pretendesse achar que o clima era o mesmo, e que se podia ainda dizer o que se quisesse e usar, como se entendesse, saias ou calções. Ela mesma, afinal, foi obrigada a reconhecer que os tempos haviam mudado. (WOOLF, 1978, p. 126, 129).

Trezentos anos já haviam passado desde quando começara a escrever seu poema **O Carvalho**. Orlando reflete sobre algumas mudanças pelas quais passou: “fora um rapaz melancólico, enamorado da morte, como são os rapazes; depois, amoroso e exuberante; mais tarde, animado e satírico” (WOOLF, 1978, p. 132); embora, ironicamente, pensasse “como tinha mudado tão pouco em tantos anos” (WOOLF, 1978, p. 132).

Orlando chega à modernidade. Locomotiva, fábricas, veículos de todos os tamanhos, carros, ônibus, rios de gente, tráfego, papel impresso, tudo isto é o seu novo cenário. “Era o momento presente” (WOOLF, 1978, p. 168). É como se tudo que ficou para trás não passasse de digressões e abstrações da personagem. Agora, “cada homem e cada mulher se dirigia para os seus próprios negócios. E ela, aonde ia?” (WOOLF, 1978, p. 169). Orlando é um ser sem rumo: não sabe para onde vai. Singer (1990, p. 71) esclarece o fato:

Todo ser humano, por mais singelo ou ingênuo, por mais sofisticado ou erudito que seja, acaba por se perguntar: ‘De onde vim?’ ‘Onde estou?’ e ‘Para onde vou daqui?’ Tudo o que podemos verdadeiramente vivenciar e conhecer é o presente, o ‘eterno agora’; o passado, entretanto, está inteiramente imerso neste presente, e tudo o que ainda há de ser brota deste momento no tempo.

Orlando é uma vítima do tempo, ou da passagem do tempo. O tempo não pára, não espera: simplesmente corre. Algumas construções sintáticas retiradas das páginas 172 e 173 representam esta passagem: “crianças **correndo**”; “amigos **atravessando**”; “todos **pulsando** simultaneamente na cabeça”; “todas **morando**”. Percebe-se o uso frequente de verbos no gerúndio, dando uma ideia de continuidade. Ademais, há orações com verbos no pretérito imperfeito, tais como: “o povo **transbordava** das calçadas”; “**havia** mulheres com sacas de compras”; “as ruas se **alargavam** e **estreitavam**”; “longas perspectivas se **encolhiam**”; “aqui **era** um mercado”; “os açougueiros **estavam** à porta”; “uma mulher **olhava** da janela de um quarto de dormir”, dando a mesma ideia de continuidade, porém no passado.

Apesar da passagem do tempo, duas questões permanecem: a primeira, refere-se à sexualidade de Orlando, uma vez que o narrador coloca que “seu próprio sexo era ainda discutível” (WOOLF, 1978, p. 132); a segunda, remete a um tema existencial: “Que vinha a ser, então, a vida”? (WOOLF, 1978, p. 159). Em **Orlando**, as duas questões estão intimamente relacionadas. A ausência de uma identidade sexual provoca um desequilíbrio nos conceitos que o indivíduo possui acerca da vida, acerca de si mesmo e acerca de sua sexualidade, a ponto de conduzi-lo “ao fino despedaçamento da identidade que precede a inconsciência e talvez a própria morte” (WOOLF, 1978, p. 173). Esse é o tempo presente de Orlando: conturbado por sua própria filosofia existencial. E que se torna evidente, quando declara:

Estou mortalmente cansada deste eu². Preciso de outro. [...] Esses eus de que somos constituídos, sobrepostos uns aos outros como pratos empilhados na mão do copeiro, têm suas predileções, simpatias, pequenos códigos e direitos próprios [...]. (WOOLF, 1978, p. 173).

O narrador arremata:

Ela possuía uma grande variedade de eus para chamar [...]; uma vez que já se considera uma biografia completa aquela que simplesmente enumera seis ou sete eus, embora uma pessoa possa ter muitos milhares. [...] O eu de que ela mais necessitava se mantinha a distância, porque para ela – a julgar pelo que se ouvia – ia mudando de eus com a mesma velocidade com que dirigia o automóvel – havia um novo eu em cada esquina – como acontece quando, por alguma razão inconfessável, o eu consciente, que é o mais importante, e tem o poder de desejar, não deseja senão ser um eu único (WOOLF, 1978, p. 174).

² Itálicos originais.

Este fragmento faz lembrar o que disse Jacobina³ aos amigos, afirmando que cada indivíduo possui duas almas, alguns até mais. Cada um carrega consigo uma multiplicidade de “eus”, que caminham juntos embora sejam fundamentalmente diferentes. Em **Orlando**, esses “eus” vêm à tona, afloram, à medida que ela explora sua sexualidade: “conheci muitos homens e mulheres” (WOOLF, 1978, p. 139), e que silenciam, “quando a comunicação se estabelece” (WOOLF, 1978, p. 177). Que comunicação seria esta? – poderá vir a pergunta –, segue a resposta: a comunicação entre o par de contrários que nela habitava. Quando isso ocorre, podem-se observar sensíveis diferenças em Orlando, “[...] porque agora era una e íntegra” (WOOLF, 1978, p. 180), como se todos os seus “eus” afluíssem para um só **Eu**, “um eu real” (WOOLF, 1978, p. 176); estava “estimulada e animada pelo momento presente” (p. 180), e podia finalmente afirmar: “posso começar a viver de novo” (WOOLF, 1978, p. 181). Eliade (*apud* SINGER, 1990, p. 83) comenta que “pelo fato de a raça humana descender de Adão, o masculino-feminino existe virtualmente em todos os homens, e a perfeição espiritual consiste precisamente em redescobrir dentro de si essa natureza andrógina”, o que ocorreu com Orlando.

3 AS QUESTÕES EXISTENCIAIS E A BÍBLIA

A tradição judaico-cristã também faz as perguntas existenciais. Na Bíblia, ainda que com variantes, pode-se encontrar as mesmas indagações que se encontram na Filosofia e na Literatura: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”.

Em Êxodo (3,11), Moisés questiona a Deus, dizendo: “*Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?*”. Ao que parece, Moisés não recebe uma resposta direta para essa pergunta. A resposta de Deus é: “Eu serei contigo” (Ex 3,12). Durham (2002, p. 33) chega a dizer que, quem Moisés é não é a questão. A questão é quem está com Moisés. E a isso Deus responde. A pergunta reaparece numa belíssima oração de Davi, encontrada em 2Samuel (7,18): “Quem sou eu, Senhor Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas trazido até aqui?”. Anderson (2002, p. 126), analisando a fala de Davi no verso 19, conclui: “Assim

³ Personagem do conto **O Espelho**: uma nova teoria da alma humana, de Machado de Assis.

como Yahweh esteve com Davi no passado, assim também, estará com a cada davídica no futuro”⁴.

No Salmo (8,3-4, destaque nosso), encontramos uma questão existencial semelhante, que é colocada da seguinte forma: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; **Que é o homem**, mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?”. Como assegura Spence (2004, p. 49) a questão não é fruto de um existencialismo exacerbado, mas de uma intrínseca confiança no fato de que Deus é condescendente com o homem, no sentido de que se importa com ele de tal maneira que todas as outras coisas foram criadas em função dele, mesmo os astros como o sol, a lua e as estrelas.

Ademais, encontramos, na bíblia hebraica, a noção de que o homem tem sua origem em Yahweh. Logo no início do livro de Gênesis, encontra-se a afirmação de que o homem saiu das mãos de Deus: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra”. Nichol (2002, p. 222) nos informa que “a palavra ‘formar’, *yasar*, implica o ato de modelar e moldar uma forma correspondente em *design* e aparência ao plano divino. A palavra é usada para descrever a atividade do oleiro (Is 29,16; 49,5s.)”. Desse modo, percebe-se que, para a tradição judaica, o homem tem uma origem nobre, cujo agente é Yahweh, que não apenas forma o homem, mas o forma a partir de um planejamento. Tal pensamento vai influenciar toda a tradição cristã.

A ideia de planejamento também é encontrada em Gênesis (1,26, destaque nosso): “E disse Deus: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança**; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.” Entretanto, o planejamento para a criação do homem torna-se ainda mais relevante ao refletir sobre o fato de que ele foi planejado para ser o ápice da criação. Wenham (2002, p. 27) esclarece esse ponto ao dizer que:

Com a criação do homem a narrativa da criação alcança seu clímax. Temos observado como a maioria dos atos da criação corrobora para a existência humana – a terra, o lar do homem (v. 9-13), o sol e a lua que determinam seu ciclo de vida (v. 14-19) – foram descritos mais totalmente do que outros aspectos menos vitais da sequência criada. Mas agora com a criação do homem, a narrativa diminui o ritmo a fim de enfatizar ainda mais seu significado.

⁴ Todas as citações de fontes em língua inglesa foram traduzidas pelo autor.

A essa afirmação de Wenham (2002) acrescenta-se o fato de que o homem é o único ser sobre quem se encontra a informação de que foi formado à imagem e semelhança do Criador. A propósito, esse mesmo autor afirma que Gênesis (1,27) é formado por três orações que servem como oposição a Gênesis (1,26). Tais orações, como se podem ver abaixo, em destaque, lançam luz sobre a imagem de Deus, no versículo 26:

- a) criou Deus, pois, o homem à sua imagem;
- b) à imagem de Deus o criou;
- c) homem e mulher os criou.

Wenham (2002, p. 27) defende que as duas primeiras orações enfatizam “a divina imagem de Deus no homem, enquanto a terceira especifica que a mulher também carrega a imagem de Deus”. Assim, pode-se dizer que a *Imago Dei* é bifacial: masculina e feminina.

No Novo Testamento, podemos encontrar uma síntese do pensamento judaico-cristão quanto à origem do homem na afirmação registrada em Atos (17,28): “Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos”. Outra declaração que lança luz sobre a discussão é encontrada em Tiago (1,18): “Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.” Comentando esse texto, Martin (2002, p. 39) afirma que a “divina criação (das estrelas em seu curso) é compensada pela nova criação, expressa numa série de termos teológicos bem ponderados.” A própria ideia de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus pode ser encontrada no cerne da religião cristã a partir da noção de que Jesus é Deus encarnado. A alegação encontrada no Evangelho de João (14,9): “Quem me vê a mim vê o Pai”, é concebida por alguns eruditos como uma referência à comunhão entre Jesus e o Pai (BEASLEY-MURRAY, 2002, p. 253; BERNARD, 1929, vol. 02, p. 541). Entretanto, não se pode deixar de inferir que, nas entrelinhas, encontra-se a informação de que Jesus é a imagem e semelhança de Deus. De fato, o autor de Hebreus leva tão a sério esse conceito que apresenta seu ponto de vista sobre o assunto logo no início do seu livro: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo **Filho, [...] que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser**” (destaque nosso). Moffatt (1924, p. 6)

menciona que a palavra grega para “expressão exata” é *charaktēr*, que, segundo ele, indica uma representação tão exata quanto a estátua de uma pessoa. Destarte, tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento, depara-se com a ideia de que o homem tem uma origem em Deus e de que é um ser feito à sua imagem e semelhança.

Já dizia Santo Agostinho: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”. Esse pensamento perpassa toda a tradição judaico-cristã e sugere uma resposta para a pergunta existencial: “Para onde vamos?”. A noção de que o homem volta para Deus pode ser encontrada em diversos livros da Bíblia. Entretanto, parece que é no contexto da *parousia* que se deflagra o ponto culminante. Uma passagem representativa deste pensamento é aquela registrada em 1 Tessalonicenses (4,16-17, destaque nosso):

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, **estaremos para sempre com o Senhor.**

Destarte, observa-se que, no âmago da tradição judaico-cristã, está a concepção de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, saiu de suas mãos e voltará para ele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade tem atravessado um momento crucial em sua história: temas como identidade, cultura, preservação ou até mesmo perpetuação da vida no planeta, entre outros afins têm sido discutidos diariamente no universo acadêmico e fora dele. Altas cifras são investidas em pesquisas, em âmbito geral, enquanto, em nível particular, os indivíduos gastam suas energias em trabalho e estudo, numa corrida desenfreada contra o tempo, apegando-se à vida, enquanto ela parece escapar de suas mãos.

Singer refere Einstein que é muito curta a nossa visita a esta Terra, e muito estranha a nossa condição. Cada um vive a vida, esquecendo, às vezes, que

vida é processo. Processo é vida. Ou nos empenhamos em participar da vida o mais conscientemente possível, ou seremos arrastados por

ela, esperneando, em prantos, e sentindo-nos vítimas. Neste último caso, viveremos um desespero existencial, ou tentaremos encontrar maneiras de preencher nossos dias com tantos negócios e trivialidades que não nos daremos conta de que estamos morrendo a cada minuto que passa (EINSTEIN *apud* SINGER, 1990, p. 249).

Uma vez que a ciência não conseguiu apresentar uma resposta definitiva para perguntas como: “Quem sou?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”, as pessoas parecem assumir uma posição de inquietude diante da vida; por outro lado, “se não se sabe para onde se vai, qualquer caminho serve”, é o provérbio popular; é como se o homem se sentisse em um grande labirinto, sem saber por onde entrou nem por onde pode sair. Esse ínterim é o que lhe causa certo estranhamento, abrindo espaço para um desespero existencial.

Cada indivíduo procura uma maneira diferente de satisfazer essa lacuna aberta pelas circunstâncias da vida. Em **A Paixão Segundo G. H.**, de Clarice Lispector, a personagem anônima G. H. vive um episódio inusitado ao encontrar-se com uma barata, degustando-a, após longa divagação e análise em torno do sentido da existência:

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada [...] gosto de mim mesma – eu cuspi a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda. (LISPECTOR, 1997, p. 170).

Esse cuspir-a-alma-toda representa o desejo de externar toda angústia e descontentamento, causados pela busca de uma resposta para as crises causadas pelo próprio homem. Para solucionar a questão, alguns recorrem à metafísica, como é o caso de G. H., e de tantos outros G.H.s, como deixa transparecer o texto abaixo:

A flor não foi feita para ser olhada por nós nem para que sintamos o seu cheiro, e nós a olhamos e cheiramos. A Via-Láctea não existe para que saibamos da existência dela, mas nós sabemos. E nós sabemos Deus. E o que precisamos Dele extraímos [...]. se nós sabemos muito pouco de Deus, é porque precisamos pouco: só temos de Deus o que cabe em nós. [...] sentimos falta de nossa grandeza impossível – minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido. [...] Quanto mais precisarmos, mais Deus teremos. (LISPECTOR, 1997, p. 153).

No romance **Orlando**, de Virginia Woolf, o personagem homônimo ao título busca um equilíbrio entre os polos masculino e feminino a fim de superar a inquietude existencial provocada pela falta de uma resposta para as questões

originais: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”. Observa-se que os personagens da Bíblia fazem as mesmas perguntas, porém, como diria Veloso (1984), não “a partir de uma situação de ferida interior, de vida sem sentido ou frustrada. Ele[s] analisa[m] esta questão com humildade e com fé, pressupondo e aceitando a grandeza da criação, a companhia de Deus e a realidade constante da missão que Deus lhe[s] confiou”. Destarte, a tradição judaico-cristã esboça respostas para as questões originais: “Quem sou eu?”, “De onde vim?” e “Para onde vou?”. São elas, respectivamente, “Sou feito à imagem e semelhança de Deus”; “Venho de Deus” e “Volto para Deus”.

THE PRIMORDIAL QUESTIONS AND THE EXISTENTIAL CRISIS OF THE MODERN MAN: A DIALOGUE BETWEEN THE BIBLE AND THE LITERATURE

Abstract

Since, as well as literature, the Bible also presents the major issues: "Who am I?", "Where did I come?" And "Where am I going?", This paper aims to show how these existential issues are addressed by the novel Orlando of Virginia Woolf. The article observes the behavior of the character eponymous to the title, and how this behavior undergoes changes over time, by considering that Orlando is a boy of sixteen, when we are presented, and thirty-six years old when we parted from him, although these twenty years of biography, how would say Bloom, cover more than three centuries of literary history, and contrasting the novel to the answers given by the Judeo-Christian tradition as found in the Bible.

Keywords: Orlando, of Virginia Woolf. Judeo-Christian Tradition. Book of Genesis. The meaning of life.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de (tradutor). **A bíblia sagrada**. 3 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

ANDERSON, A. A. 2 Samuel. In: WATTS, J. D. W. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 11.

BEASLEY-MURRAY, G. R. John. In: MARTIN, R. P. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 36.

BERNARD, J. H. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John**. New York: C. Scribner' Sons, 1929, v. 02.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. 3 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

DURHAM, J. I. Exodus. In: WATTS, J. D. W. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 03.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTIN, R. P. James. In: MARTIN, R. P. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 48.

MONTEIRO, Marli Piva. **Mulher**: profissão mulher. Petrópolis: Vozes, 1990.

MOFFATT, J. J. **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Hebrews**. Edinburgh: T&T Clark International, 1924.

NICHOL, Francis D. (Ed.) **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald, 1978, v. 01.

SADLIER, Darlene. Os debates sobre a mulher/gênero na teoria e crítica literária feminista nos Estados Unidos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9., 1994, Caxambu, **Anais...** Caxambu: ANPOLL, 1994.

SINGER, June. **Androginia**: rumo a uma nova teoria da sexualidade. Trad. de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1990.

RAWLINSON, G., CONDER, E. R., CLARKSON, W. Psalms. In: SPENCE, H. D. M. **The Pulpit Commentary**. Bellingham: Logos Research Systems, 2004, v. 01.

STUDART, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VELOSO, Mário. **O homem**: uma pessoa vivente. 2 ed. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1984.

WENHAM, G. L. Genesis 1-15. In.: WATTS, J. D. W. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 01.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. Trad. de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.